

conferir os óculos com as hastes abertas em uma superfície plana, com as pontas das hastes para cima e para baixo, observando se os aros estão alinhados ou se a ponte está torta. Os *atendentes* afirmam que o retorno à ótica acontece com pouca frequência e que a maior incidência é para ajuste dos parafusos ou a troca de mola. As instruções dadas às crianças para evitar problemas, é que coloquem a armação na face com as duas mãos; se não está em uso, guardar no estojo, além de não emprestar o produto para colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método do questionário utilizado com os cuidadores das crianças usuárias revelou-se satisfatório mesmo com um conteúdo objetivo em decorrência da maior parte das respostas serem curtas. Ao definir os cuidadores como stakeholders da pesquisa objetivou-se coletar informações de caráter mais perceptivo, subjetivo e emocional e menos relacionado a questões técnicas do produto (a exemplo dos dados coletados através de outros métodos com atendentes de ótica e dos médicos). Dessa forma, a contribuição para as diretrizes dos projetos e consequentemente para os designers, contemplou informações sobre a descoberta da patologia, reações no momento da escolha, fatores que influenciam na escolha, as reações da criança ao iniciar o uso, a opinião de terceiros e a cobrança do uso, esses aspectos são observados e contam com a participação dos cuidadores, portanto, o relato deles era essencial para compor o conteúdo sobre esses tópicos. Dentre as informações mais objetivas sobre o produto foram apontadas quais os possíveis acidentes com a armação e como ocorre sua manutenção, fatos diretamente relacionados ao produto e que também são testemunhados pelos cuidadores.

De acordo com os resultados obtidos foi possível constatar que a afirmação de Pullin[5] de que as armações atualmente contem muito pouco ou quase nenhum estigma social, não é tão positiva assim, pelo menos ao tratarmos do público infantil. Dentro do universo pesquisado a quantidade de cuidadores que afirmaram que as crianças são vítimas de apelidos e de desencorajamento por serem usuários de óculos foi significativa, além disso a questão foi negligenciada por alguns participantes que não a

responderam. Esse resultado provou, no entanto, que o estigma social existe e ainda está sendo propagado, pois sendo praticado pelas crianças muito possivelmente se trata de uma atitude replicada dos adultos.

Acredita-se, com o desenvolvimento da pesquisa, centrada nas necessidades de uso das crianças que dependem dos óculos, inclusive com os resultados mostrados neste trabalho, que os designers possam desenvolver projetos com produtos mais atrativos, os quais proporcionem maior conforto e bem-estar, mais adequados, tanto nos aspectos estéticos quanto nos formais. Espera-se, desta maneira, reforçar a importância do produto na recuperação ou resgate do sentido da visão colaborando para que a criança o aceite e dele se aproprie como objeto cotidiano e uma extensão do seu corpo.

REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL, A., 2006, "De prótese a objeto de design". *Revista AbcDesign*, Curitiba, n. 15, p. 4-9
- [2] MALDONADO, T., 2012, *Cultura, Sociedade e Técnica*, Blucher, São Paulo, pp.175-184.
- [3] ACERENZA, F., 1997, *Eyewear: Gli Occhiali*, Chronicle Books, San Francisco, 141p.
- [4] SANTOS NETO, J. M., 2005, *História da óptica no Brasil*, Códex, São Paulo, 40p.
- [5] PULLIN, G., 2009, *Design meets disability*, The MIT Press, Massachusetts, 341p.
- [6] BASTIAN, W., 2001, "As máscaras da moda", *Revista ArcDesign*, São Paulo, n.20, pp.34-40
- [7] GOZLAN, E., 2007, "Adaptação de óculos para crianças", *Revista View*, São Paulo, n.79, pp.52,
- [8] KRIPPENDORF, K., 2000, Propositions of Human-centeredness: A Philosophy for Design. In: Durling, D. and Friedman, K. (Eds.). *Doctoral Education in Design: Foundations for the Future*, Staffordshire University Press, Staffordshire, pp.55-63.
- [9] LEEDY, P.; ORMROD, J. E., 2005, *Practical Research. Planning and design*, Pearson, New Jersey, 319p.